

Marcos Falcão Gonçalves (BNB)
Jânia Maria Pinho Souza (BNB)
José Amauri Buso (Embrapa)
Otavio V. Balsadi (Embrapa)

AVALIAÇÃO DO FNE RURAL

Série Avaliação de Políticas e Programas do BNB
Volume 12

Fortaleza
Banco do Nordeste do Brasil
2012



**Banco do
Nordeste**

Presidente

Ary Joel Abreu Lanzarin

Diretores

Fernando Passos
Luiz Carlos Everton de Farias
Manoel Lucena dos Santos
Nelson Antônio de Souza
Stélio Gama Lyra Júnior

Conselho Editorial

Stélio Gama Lyra Júnior
José Narciso Sobrinho
José Rubens Dutra Mota
Francisco das Chagas Farias Paiva
José Maurício de Lima da Silva
Paulo Dídimo Camurça Vieira
Allisson David de Oliveira Martins
Wellington Santos Damasceno
Fernando Luiz Emerenciano Viana
Jânia Maria Pinho Souza
Luciano Jany Feijão Ximenes
Maria Odete Alves
Francisco Raimundo Evangelista
Ademir Costa

Escritório Técnico de Estudos

Econômicos do Nordeste – Etene

Superintendente: José Narciso Sobrinho

Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Gerente: Wellington Santos Damasceno, em exercício

Célula de Avaliação de Políticas e Programas (CAPP)

Gerente: Marcos Falcão Gonçalves

Equipe Técnica por Tema:

Cultura do Algodão: Cícero Lima de Albuquerque – BNB
e Joffre Kouri – EMBRAPA

Cultura da Uva:

Jane Mary Gondim de Sousa – BNB
Loiva Maria Ribeiro de Melo – EMBRAPA
Pedro Carlos Gama da Silva – EMBRAPA

Cultura da Soja:

Antônio Pereira Neto – BNB
Joelsio José Lazzarotto – EMBRAPA
Pedro Abel – EMBRAPA

Bovinocultura de Corte:

Elizabeth Castelo Branco – BNB
Fernando Paim Costa – EMBRAPA
Oscar Tupy – EMBRAPA

Bovinocultura de Leite:

Alziro Vasconcelos Carneiro – EMBRAPA
Glauro Carvalho – EMBRAPA
Luiz Fernando Gonçalves Viana – BNB
Osias Pereira da Silva – BNB

Acompanhamento Metodológico:

Philippe Theophilo Nottingham

Coleta de dados primários:

Instituto Ideias

Ambiente de Comunicação Social

Gerente: José Maurício de Lima da Silva

Editor: Jornalista Ademir Costa

Normalização: Paula Pinheiro

Revisão Vernacular: Antônio Maltos

Mais informações

SAC Banco do Nordeste / Ouvidoria

0800 728 3030

www.bnb.gov.br/faleconosco

Depósito Legal junto à Biblioteca Nacional, conforme Lei ° 10.994 de 14 de dezembro de 2004

A945

Avaliação do FNE Rural / Coordenadores, Marcos Falcão Gonçalves ... [et al.]. - -
Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2012.

382 p.

ISBN: 978.85.7791.196.7

1. FNE. 2. Avaliação. I. Gonçalves, Marcos Falcão. II. Título

CDD: 332.041 52

5.2 – O FNE Rural e o Cultivo da Uva

5.2.1 – Análise econômica

A fruticultura apresentou grande dinamismo nos últimos 15 anos, passando a se constituir num dos ramos mais importantes da agricultura brasileira. É uma atividade que impacta positivamente na modernização da agricultura e contribui efetivamente para o desenvolvimento regional. As condições de clima e solo favoráveis ao desenvolvimento de diversas espécies frutícolas no Nordeste e a modernização do setor permitiram que muitas empresas que atuam na área se tornassem competitivas no mercado externo.

Entretanto, as especificidades do sistema agroindustrial das frutas – em especial o fato de se direcionar para um público de maior poder aquisitivo – obrigam as cadeias produtivas a levar em conta fatores como regularidade no fornecimento, capacidade de adaptação às novas exigências dos consumidores e o atendimento de segmentos diferenciados de consumo, entre outros. Só o atendimento de requisitos mínimos pelos vários agentes da cadeia produtiva assegurará que o produto final tenha um determinado padrão de qualidade, característica cada vez mais essencial na comercialização das frutas e é através de relações de cooperação e parceria entre os vários segmentos da cadeia que isso pode ser conseguido. (SOUZA et al., 1999).

O Brasil, apesar de grande produtor, apresenta ainda muitas limitações com relação a esses aspectos, pois as relações de parceria são frágeis e a cultura predominante é de cada ator se preocupar apenas com o seu segmento, ignorando o consumidor final.

É importante que se faça a distinção entre frutas tropicais e frutas de clima temperado, porque os mercados têm características, exigências, sistemas de distribuição e necessidades de promoção totalmente diferentes.

Os mercados de frutas de clima temperado são de grande escala, quase todos na faixa dos milhões de toneladas anuais e a maior parte de suas produções é vendida localmente ou entre países vizinhos do Hemisfério Norte. (GAYET, 1998). São frutas de clima temperado a maçã, a pêra, o pêssego, a ameixa, a uva e o melão, dentre outras.

As frutas tropicais são assim chamadas no mercado externo por serem produzidas na região tropical do planeta. São exemplos de frutas tropicais a banana, a manga, a lima ácida, o mamão, o abacaxi, o maracujá, a goiaba e o coco. (SOUZA et al., 1999).

Segundo a FAO, a produção mundial de frutas foi de 734,4 milhões de toneladas em 2008, tendo a China como o maior produtor, apresentando uma produção

de 193,5 milhões de toneladas. Este país ocupou também lugar de destaque nas produções de melancia, maçã, tangerina, melão, pêra, pêssego/nectarina, banana e uva, representando 22,6% da produção mundial de frutas neste ano. A Índia ocupou a segunda colocação, com 69,5 milhões de toneladas e apresentou grandes produções de banana, manga e laranja.

A terceira colocação foi ocupada pelo Brasil (Gráfico 18) na classificação dos principais países produtores de frutas, no ano de 2008, com a quantidade de 43,5 milhões de toneladas, representadas principalmente pelas culturas da laranja, banana e abacaxi.

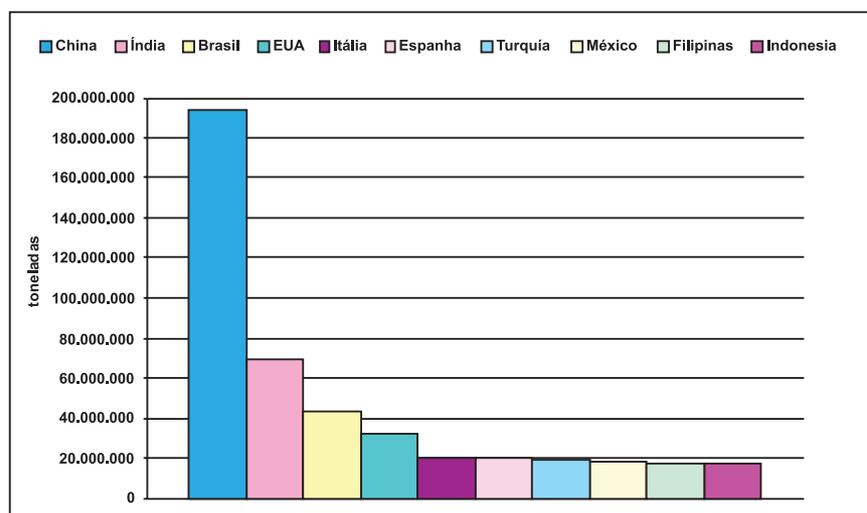


Gráfico 18 – Principais Produtores Mundiais de Frutas no Ano 2008, em Toneladas

Fonte: FAO (2010).

No ano de 2008, a banana foi a fruta mais produzida no mundo (Gráfico 19), com a quantidade de 127,7 milhões de toneladas. A melancia aparece em segundo lugar, com a quantidade de 98,4 milhões de toneladas, e a maçã em terceiro lugar entre as frutas mais produzidas no mundo neste ano, com a quantidade de 69,8 milhões de toneladas. A produção de uva também é relevante, ocupando o quinto lugar, com uma produção de 66,6 milhões de toneladas.

A produção mundial de frutas, segundo a FAO, aumentou 26% na última década, levando-se em conta a média dos triênios 1993-1995 e 2003-2005. Esse desempenho foi resultante do aumento da demanda por alimentos saudáveis. Com

isso, cresceu também em 62%, neste período, a receita mundial com exportação de frutas em virtude da abertura de novos mercados consumidores e maior rapidez na distribuição.

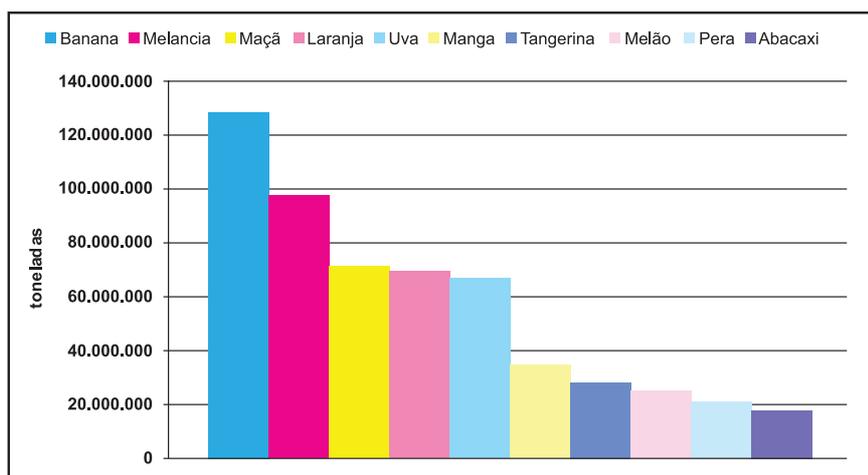


Gráfico 19 – Principais frutas Produzidas no Mundo no Ano 2008, em Toneladas

Fonte: FAO (2010).

A participação do Brasil no mercado externo de frutas tem aumentado consideravelmente. No período de 2000 a 2006, a balança comercial de frutas deu um salto significativo, passando de US\$ 50,0 milhões em 2000 para quase US\$ 300,0 milhões em 2006. As principais frutas responsáveis por esse crescimento foram a laranja, banana, melão, manga, mamão e uva.

A Região Nordeste tem participação expressiva na produção de frutas tropicais, encontrando-se ali grandes polos produtores já consolidados e em consolidação, a exemplo do Curu-Paraipaba, Baixo Acaraú e Baixo Jaguaribe, no Ceará; Assu-Mossoró, no Rio Grande do Norte; Jaíba, em Minas Gerais; Alto Piranhas, em Sergipe; e Petrolina-Juazeiro, localizado em Pernambuco e Bahia.

No Nordeste, atualmente, o Ceará é o maior exportador de melão; a Bahia é o maior exportador de manga; o Rio Grande do Norte, de banana; e Pernambuco, de uva.

A Tabela 51 mostra que estas foram as frutas que obtiveram destaque nas exportações nordestinas no período de 1998 a 2008, sobressaindo-se o melão em termos de volume de exportação. No entanto, verifica-se que, a partir de 2007, a uva superou o melão em termos de valores devido ao maior incremento em sua produção.

Tabela 51 – Exportações Nordestinas das Principais Frutas – Período de 1998 a 2008

Ano	Melão		Manga		Banana		Uva	
	Ton	US\$ mil	Ton	US\$ mil	Ton	US\$ mil	Ton	US\$ mil
1998	62.099	27.055	35.333	27.635	9.998	2.230	2.706	3.890
1999	61.812	27.042	49.811	29.178	9.984	2.618	4.538	5.156
2000	58.288	23.742	64.324	33.647	23.015	5.622	11.483	12.035
2001	95.281	37.977	91.750	49.255	28.931	6.836	9.707	10.487
2002	98.175	37.620	101.687	49.848	56.596	14.062	25.933	33.461
2003	149.245	58.153	135.639	74.429	57.814	14.827	36.967	59.330
2004	142.306	63.167	106.349	61.515	55.013	14.852	28.388	52.353
2005	179.491	91.359	110.733	70.678	66.722	19.632	50.970	106.983
2006	211.420	151.912	111.505	83.785	96.143	28.718	62.164	118.327
2007	204.057	128.085	112.307	83.960	88.888	32.105	78.857	169.292
2008	211.420	151.912	129.039	109.443	32.105	21.394	82.113	171.146

Fonte: Serviço de Comércio Exterior/Secex / Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

5.2.1.1 – Panorama da produção mundial da uva

A área colhida de uvas no mundo, em 2008, foi de 7,3 hectares, 7,6% inferiores ao ano de 1990 (7,9 hectares). Já a produção apresentou, no mesmo período, acréscimo de 11,5% totalizando, em 2008, 66,6 milhões de toneladas, frente a 59,7 milhões em 1990, conforme apresentado no Gráfico 20.

A maior concentração da produção ocorre na Europa, embora com tendência decrescente. Observa-se um aumento na produção dos demais continentes, ao se considerar a média da produção dos anos 2005/2008 em relação à média 1990/1992, em que o continente Europeu apresentou redução na produção de uvas de 23,3%, enquanto a Ásia, a América, a África e a Oceania aumentaram sua produção em 115,9%.

Os países de maior produção de uvas e concentração de área, em 2008, são apresentados no Gráfico 21 e Gráfico 22. Em 1989, esses países concentravam 50,5% da área mundial de uvas e 48,5% da produção mundial, passando, no ano de 2008, para 49,7% e 50,0%, respectivamente. O país com maior área colhida é a Espanha; no entanto, o maior produtor de uvas é a Itália. Em 2008, a Espanha produziu 6,0 milhões de toneladas de uvas em 1,1 milhão de ha, tendo reduzido sua área em 22,7% e aumentado a produção em 19,6% em relação ao ano de 1989. Esse país deteve 15,1% da área mundial de videiras em 2008. A Itália, em 2008, produziu 7,8t de uvas em 788 mil ha, tendo reduzido sua produção em 17,5% e

diminuído a área em 24,0% relativamente ao ano de 1989. Em 2008, 11,7% da produção mundial de uvas pertenceram à Itália. A França é o segundo país de maior área, seguida pela Itália, Turquia e China. Em termos de produção, o segundo país é a China, seguida dos Estados Unidos, Espanha e França. Verifica-se que, para o segundo, terceiro, quarto e quinto país no *ranking* mundial, a quantidade média de uvas produzida nos últimos três anos é similar; no entanto, a área apresenta diferenças importantes e, em decorrência, produtividades distintas. O Brasil figura como o 15º país em produção de uvas e 20º em área, no ano de 2008.

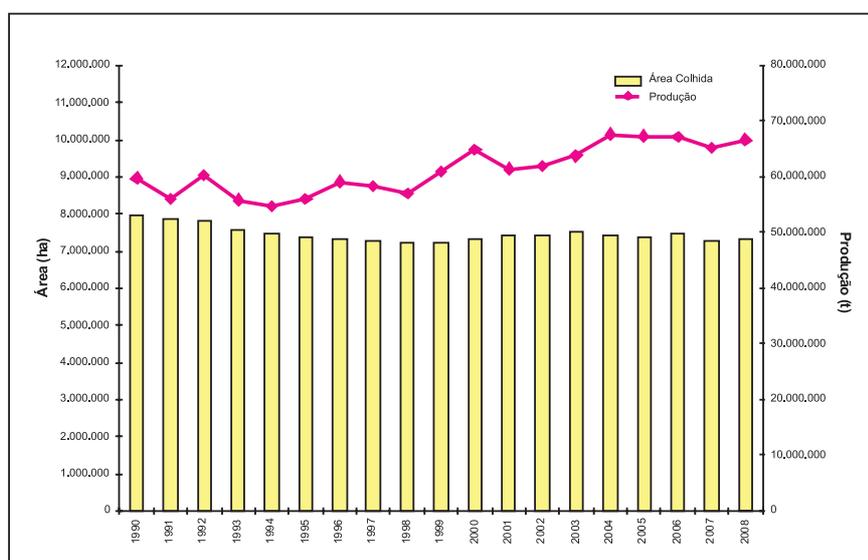


Gráfico 20 – Área e Produção Mundial de Uvas – 1990/2008

Fonte: Elaboração Própria dos Autores com Base nos Dados da FAO (2010).

Cabe destaque à trajetória da China, que, em 1989, produziu 978,6 mil toneladas de uvas em 143,3ha e, em 2008, produziu 7,2 milhões de toneladas em 453,2ha. No período em análise, a China obteve crescimento de 216,3% na área colhida de uvas e 635,7% na produção, conquistando a segunda posição mundial em produção e a quinta em área.

Em termos de exportação, no mercado de uvas de mesa, os principais países exportadores, em 2007, foram Chile, Itália, Estados Unidos, África do Sul e Países Baixos, sendo a uva não necessariamente produzida pelo país exportador, pois existem grandes empresas importadoras de uvas que são exportadas para outros países, tais como aqueles localizados nos Países Baixos.

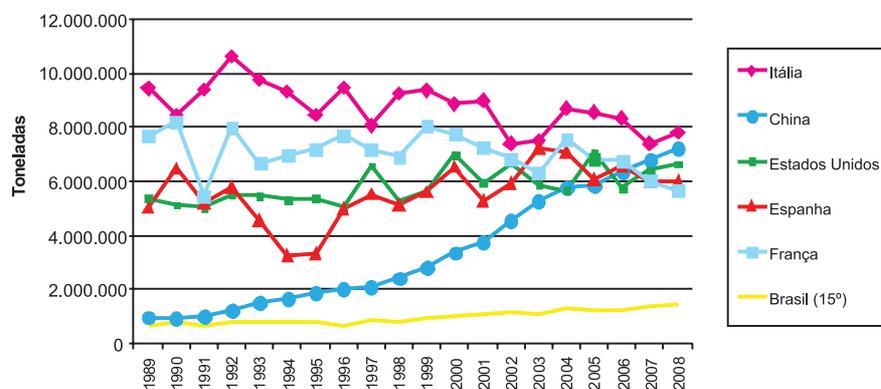


Gráfico 21 – Produção de Uvas, Principais Países – 1989/2008

Fonte: Elaboração Própria dos Autores com Base nos Dados da FAO (2010).

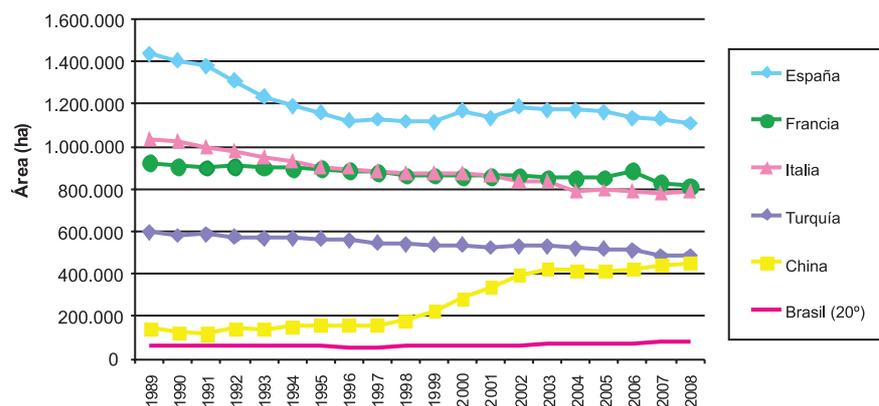


Gráfico 22 – Área de Uvas dos Principais Países – 1989/2008

Fonte: Elaboração Própria dos Autores com Base nos Dados da FAO (2010).

No mercado de uvas de mesa, em 1989, apenas 3,8% da uva produzida no mundo eram comercializados entre países, passando, em 2007, para 6,6%. Esses países participavam com 71,1% do total de uvas exportadas no mundo em 1989, passando para 48,8% em 2007. No período em avaliação, o Chile se destaca pelo grande incremento nas exportações, tendo aumentado 140,6% na quantidade exportada em 2007, em relação a 1989, e 201,9% em valor das exportações. O segundo país maior exportador, a Itália, aumentou suas expor-

tações em 12,6%, enquanto os Estados Unidos incrementaram em 48,9%, a África do Sul em 505,8% e os Países Baixos em 549,9%. (Gráfico 23).

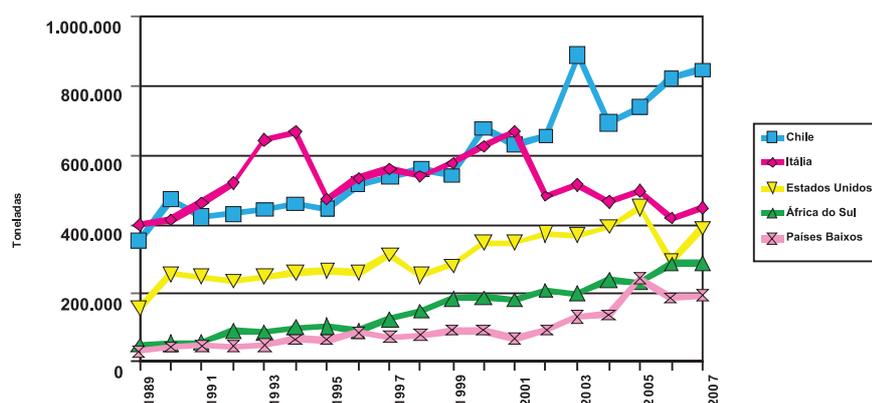


Gráfico 23 – Principais Países Exportadores de Uvas de Mesa: Quantidade Exportada – 1989/2007

Fonte: Elaboração Própria dos Autores com Base nos Dados da FAO (2010).

O Brasil figura como o 11º país em quantidade de uvas exportadas e o sétimo em valor das exportações, o que caracteriza que a uva produzida e exportada pelo Brasil obtém preço mais elevado no mercado externo. Isto decorre da época em que a uva é colocada no mercado internacional, entressafra na Europa, e por serem, em grande parte, uvas sem sementes, com maior valor agregado.

Quanto às importações (Gráfico 24), os países que mais importam uva, em termos de quantidade são: Estados Unidos, Rússia, Alemanha, Países Baixos e Reino Unido. O Brasil é o 42º colocado em valor das importações e o 35º em quantidade de uvas importadas (média 2005/2007).

Isto sugere que o Brasil exporta uvas de alto valor (uva de mesa) e importa uva de baixo valor.

Do total de uvas produzidas no mundo, entre 56% e 70% foram processados para elaboração de vinhos, no período em estudo, com variabilidade entre os anos. O restante destina-se à elaboração de sucos, polpas, geleias e outros produtos e para consumo da uva *in natura*. No ano de 2007, foram produzidos 26,4 bilhões de litros de vinhos no mundo, destes, 63,7% provêm da Europa.

No segmento de suco de uva, os maiores exportadores mundiais são Itália, Argentina, Espanha, Estados Unidos e França, em termos de quantidade. Esses países

foram responsáveis por 36,7% das exportações em 1989 e por 45,2% em 2007, denotando uma tendência de aumento de concentração das exportações de suco de uvas em poucos países.

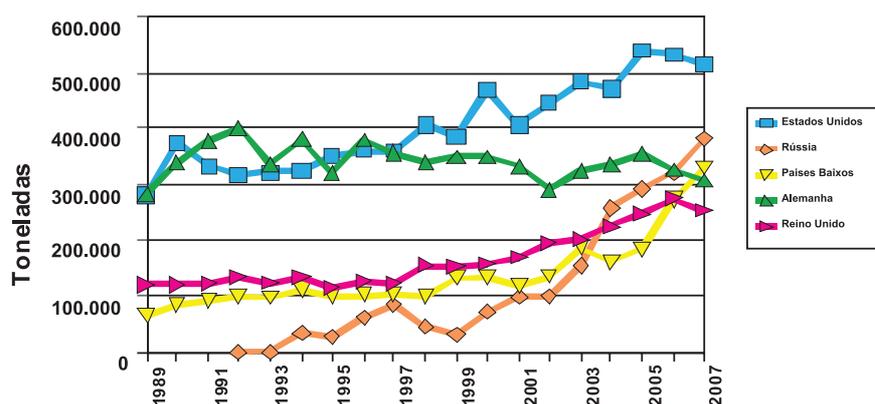


Gráfico 24 – Principais Países Importadores de Uvas de Mesa: Quantidade Importada – 1989/2007

Fonte: Elaboração Própria dos Autores com Base nos Dados da FAO (2010).

Em valor, a França aparece como o sexto colocado, cedendo a quinta colocação para o Chile. Os quatro primeiros colocados em valor das exportações são os mesmos e na mesma ordem que os em quantidade de suco exportado.

O Brasil ocupa a décima colocação tanto em quantidade exportada quanto em valor das exportações.

Os principais importadores de suco de uvas são os Estados Unidos, Alemanha, Itália, Canadá e Japão. Percebe-se que o Japão paga mais pelo produto. Esses países importavam, em 1989, 76,3% do suco comercializado no mercado internacional e, em 2007, 66,7%, mostrando uma alta concentração nas aquisições de suco de uvas. O Brasil importa eventualmente suco de uvas da Argentina, quando há escassez do produto, sendo este misturado com o suco brasileiro exportado.

No mercado internacional de vinhos, os principais países exportadores, em quantidade, são a Itália, a França a Espanha e o Chile. Esses países exportaram, em 1989, 69,3% do volume total exportado no mundo. Em termos de valor das exportações, os cinco maiores exportadores foram França, Itália, Austrália, Chile e Espanha. A Itália é o principal país exportador em volume, enquanto a França, além de ser o primeiro país em valor das exportações, o valor obtido pela exportação é muito superior ao obtido pela Itália, indicando

um maior valor agregado ao produto. Entre os cinco maiores exportadores, em quantidade e em valor, aparecem dois países denominados do novo mundo do vinho, o Chile e a Austrália. A participação do Brasil nas exportações de vinhos é insignificante.

5.2.1.2 – Panorama da produção nacional da uva

A viticultura brasileira é recente quando comparada aos países tradicionais produtores de uvas, em especial do continente europeu. Por ser uma atividade geradora de emprego e renda, tem-se tornado atrativa para dar sustentabilidade à pequena propriedade de agricultura familiar, embora explorada por alguns empreendimentos de grande porte.

A cultura da uva difere das demais frutas, pois tanto a uva para consumo *in natura* como para processamento apresenta peculiaridades. A uva para consumo *in natura* se divide em dois grandes grupos: rústicas (americanas e híbridas) e finas (*vitis viníferas*), sendo que as uvas finas sem sementes são mais valorizadas no mercado. As uvas para processamento têm diversos propósitos: vinhos de mesa, vinhos finos, espumantes, suco de uvas, polpa de uva, geleias, passas, entre outros.

A produção brasileira de uvas é pequena relativamente a outros países, sendo o Brasil responsável por apenas 2,0% da produção mundial e 1,1% da área cultivada. O maior produtor nacional é o Estado do Rio Grande do Sul, responsável por 56,3% da produção, sendo esta destinada basicamente à elaboração de vinhos, sucos e derivados. São Paulo (13,6%), Pernambuco (11,9%), Bahia (7,0%) e Paraná (5,1%) figuram entre os grandes produtores nacionais, com a produção destinada, em sua maioria, ao consumo *in natura*. No Rio Grande do Sul, as cultivares predominantes são de uvas comuns (americanas), enquanto, nos estados do Nordeste, predominam as uvas finas (*vitis viníferas*).

Entretanto, a produção brasileira de uva evoluiu substancialmente de 1975 a 2008, com crescimento de cerca de 144,8%, passando de 580.586 para 1.421.431 toneladas/ano. (Tabela 52). A região Sul responde pela maior parte da produção nacional, mas com o crescimento da produção do Nordeste, reduziu sua participação de 75,1% para 65,9% entre 1975 e 2008, consolidando-se como a segunda maior região produtiva, alcançando 267,3 mil toneladas. A região Sul obteve, em 2008, a produção de 936,8 mil toneladas. (IBGE, 2008).

A região Nordeste aumentou sua participação, passando de 0,4% em 1975 para 18,8% em 2008. Percebe-se que, em 2008, a produção do Nordeste tem uma leve redução provocada pelo excesso de chuvas na região produtora, mesmo tendo havido crescimento da área colhida.

Tabela 52 – Produção de Uva no Brasil e Regiões (Em Toneladas)

Ano	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste
1975	580.586	0	2.097	142.362	436.102	25
1985	712.182	0	8.766	104.015	599.401	0
1995	836.545	0	118.321	146.258	571.805	161
2005	1.232.564	300	262.776	205.553	759.092	4.843
2006	1.257.064	314	277.096	208.197	766.590	4.867
2007	1.371.555	296	294.296	211.162	857.959	7.842
2008	1.421.431	332	267.280	208.356	936.794	8.669

Fonte: IBGE (2009d).

A área colhida no Brasil cresceu 38,5%, enquanto a produção cresceu 144,8% entre 1975 e 2008 (Tabela 53), de forma que o grande crescimento da produção resulta muito mais do aumento da produtividade do que da expansão da área. Mesmo com a redução da produtividade no Nordeste em 2008, provocada pelas fortes chuvas na região produtora, essa tendência permanece.

Tabela 53 – Área Colhida de Uva no Brasil e Regiões (Em Ha)

Ano	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste
1975	57.709	0	527	11.289	45.890	3
1985	57.852	0	964	9.678	47.210	0
1995	60.810	0	4.838	10.371	45.587	14
2005	73.203	27	8.712	11.874	52.277	313
2006	75.354	29	9.228	11.340	54.465	292
2007	78.273	33	9.970	12.006	55.951	313
2008	79.946	38	10.284	11.489	57.813	322

Fonte: IBGE(2009d).

A maior parcela das uvas produzidas no Brasil é destinada ao mercado interno. Em 2008, apenas 5,8% da produção foram exportados, ficando 94,2% para consumo no mercado interno. Entretanto, as exportações brasileiras têm evoluído desde 1990 com ritmo acelerado a partir do ano 2000, tendo crescido em média, entre 2000 e 2008, 27,6% a.a., passando de 14,3 mil para 82,2 mil toneladas. (Tabela 54).

A maior parte das exportações brasileiras de uva é proveniente da região Nordeste (99,7% em 2007), principalmente dos estados de Pernambuco e da Bahia,

onde se encontra o polo de irrigação Petrolina/Juazeiro, que produz e exporta uvas com e sem semente, tendo esta última a preferência do mercado europeu.

Tabela 54 – Produção e Mercado de Destino da produção de Uvas no Brasil – 1990-2008

Ano	Produção	Mercado Interno		Exportação	
	(ton)	Ton	%	Ton	%
1990	804.774	802.929	99,8	1.845	0,2
1991	648.026	645.144	99,6	2.882	0,4
1992	800.112	793.235	99,1	6.877	0,9
1993	787.363	774.811	98,4	12.552	1,6
1994	807.520	800.428	99,1	7.092	0,9
1995	836.545	829.759	99,2	6.786	0,8
1996	684.902	680.386	99,3	4.516	0,7
1997	890.708	887.003	99,6	3.705	0,4
1998	774.352	769.947	99,4	4.405	0,6
1999	931.500	923.417	99,1	8.083	0,9
2000	1.024.482	1.010.139	98,6	14.343	1,4
2001	1.058.579	1.037.919	98,0	20.660	2,0
2002	1.148.648	1.122.291	97,7	26.357	2,3
2003	1.067.422	1.029.821	96,5	37.601	3,5
2004	1.291.382	1.262.567	97,8	28.815	2,2
2005	1.232.564	1.181.351	95,8	51.213	4,2
2006	1.257.064	1.194.814	95,0	62.250	5,0
2007	1.371.555	1.292.474	94,2	79.081	5,8
2008	1.421.431	1.339.189	94,2	82.242	5,8

Fontes: IBGE (2009d) e Secex /MDIC.

O Brasil, até o ano 2000, apresentou variação quanto ao destino da produção de uva entre o processamento e o consumo *in natura*. No entanto, com a implantação de vinhedos de uvas de mesa, a partir de 2001, as uvas destinadas ao consumo *in natura* assumiram a maior proporção. (Tabela 55). Em 2006, 38,3% da uva produzida no Brasil foram destinados à produção de vinhos, sucos, destilados e outros derivados, enquanto 61,7% se destinaram ao consumo *in natura*. Porém, observa-se que, em 2007 e 2008, a tendência de crescimento do consumo *in natura* se reverte.

Tabela 55 – Produção e Destino da Produção no Brasil – 1990 a 2008

Ano	Produção (ton)	Processamento		Consumo In Natura	
		Ton	%	Ton	%
1990	804.774	502.179	62,4	302.595	37,6
1991	648.026	339.566	52,4	308.460	47,6
1992	800.112	398.456	49,8	401.656	50,2
1993	787.363	402.342	51,1	385.021	48,9
1994	807.520	454.634	56,3	352.886	43,7
1995	836.545	455.917	54,5	380.628	45,5
1996	684.902	293.823	42,9	391.079	57,1
1997	890.708	431.103	48,4	459.605	51,6
1998	774.352	366.268	47,3	408.084	52,7
1999	931.500	503.942	54,1	427.559	45,9
2000	1.024.482	574.734	56,1	449.748	43,9
2001	1.058.579	466.833	44,1	591.746	55,9
2002	1.148.648	519.189	45,2	629.459	54,8
2003	1.067.422	431.238	40,4	636.184	59,6
2004	1.291.382	628.903	48,7	662.479	51,3
2005	1.232.564	544.793	44,2	687.771	55,8
2006	1.257.064	481.456	38,3	775.608	61,7
2007	1.371.555	644.631	47,0	726.924	53,0
2008	1.421.431	719.244	50,6	702.187	49,4

Fontes: IBGE (2009d) e Secex /MDIC.

Cabe salientar que a viticultura na região semiárida, em particular no Submédio São Francisco, se destaca no cenário nacional não apenas pela expansão da área cultivada e do volume de produção mas, principalmente, pelos altos rendimentos alcançados e na qualidade da uva produzida. Seguindo as tendências de consumo do mercado mundial de suprimento de frutas frescas, a região inclina-se, atualmente, para produção de uvas sem sementes, assim como para a adoção de normas de controle de segurança alimentar conforme sistemas definidos pelas legislações nacional e internacional.

Cada vez mais estão sendo levados em consideração, na produção de frutas, os novos requisitos dos mercados. Estes requerimentos impõem um novo conteúdo de qualidade dos alimentos, incorporando as preocupações dos consumidores com a segurança alimentar e as exigências para certificação do produto, levando em consideração o local de produção e os aspectos ambientais e sociais. Nesse sentido, há uma tendência para o crescimento da produção de uva certificada, pela adoção da Produção Integrada de Frutas (PIF)¹⁴ ou da produção orgânica.

5.2.1.3 – A produção de uva no cenário da região Nordeste

O cultivo de uva no Nordeste tem origem na década de 50, nas regiões de Petrolina e Juazeiro, onde tal atividade passou a ser efetivamente explorada como uma atividade econômica. No entanto, foi no fim da década de 80, no Vale do São Francisco, que se iniciou uma expressiva diversificação, alinhada à utilização de maior nível tecnológico. (LEÃO; POSSÍDIO, 2000).

A produção de uva no Nordeste respondeu, em 2008, por cerca de 18,8% da produção brasileira, cujos principais produtores são os estados de Pernambuco e Bahia, mais especificamente em Petrolina e Juazeiro, regiões que possuem grande potencialidade de recursos naturais e possuem grandes projetos de irrigação. Em 2008, o Polo de Petrolina-Juazeiro foi responsável por 65,5% da produção nordestina, observando-se assim a relevância do polo para a produção de uva da região Nordeste. (Tabela 56). Note-se que, em 2008, houve redução de produção e produtividade no Nordeste em função do excesso de chuvas. Quando se observa o ano de 2007, a produção de uva da região respondeu por cerca de 21,5% da produção nacional.

¹⁴ Segundo a Organização Internacional de Luta Biológica (OILB), a PIF se define como a produção econômica de frutas de alta qualidade, dando prioridade a métodos ecologicamente corretos e seguros, minimizando os efeitos secundários e os riscos de utilização de agroquímicos, enfatizando a conservação ambiental e a proteção da saúde humana. (CROSS; MALAVOLTA; JORG, 1997).

Tabela 56 – Área, Produção e Rendimento da Uva – 1990 a 2008

ANO	Nordeste			Petrolina (PE)			Juazeiro (BA)			Lagoa Grande (PE)		
	Área (ha)	Produção (ton.)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (ton.)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (ton.)	Rend. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (ton.)	Rend. (kg/ha)
1990	1.759	29.670	16.868	255	3.825	15.000	317	9.510	0	0	0	0
1991	2.102	38.192	18.169	270	4.050	15.000	418	12.540	0	0	0	0
1992	3.102	65.304	21.052	280	4.200	15.000	1.174	35.220	0	0	0	0
1993	3.928	82.064	20.892	791	11.865	15.000	1.225	36.750	0	0	0	0
1994	4.031	87.847	21.793	900	16.200	18.000	1.237	37.110	0	0	0	0
1995	4.838	118.321	24.457	1.400	33.600	24.000	1.260	37.800	0	0	0	0
1996	4.624	115.972	25.080	1.020	24.480	24.000	1.406	42.180	0	0	0	0
1997	3.524	92.674	26.298	0	0	0	1.524	45.720	0	650	16.250	25.000
1998	5.025	122.396	24.357	1.200	21.600	18.000	1.540	46.200	0	910	22.750	25.000
1999	4.608	134.502	29.189	1.900	57.000	30.000	756	22.680	0	428	10.700	25.000
2000	5.309	156.732	29.522	1.900	57.000	30.000	1.389	43.371	0	428	11.128	26.000
2001	6.657	190.578	28.628	2.500	72.000	28.800	1.993	61.990	31.104	570	15.960	28.000
2002	6.238	186.548	29.905	2.040	67.320	33.000	1.993	61.992	31.105	600	15.000	25.000
2003	6.912	191.571	27.716	2.047	71.645	35.000	2.100	52.500	25.000	640	16.800	26.250
2004	8.261	241.734	29.262	3.100	111.600	36.000	2.150	53.750	25.000	700	19.200	27.429
2005	8.712	282.776	30.163	3.200	108.800	34.000	2.814	84.420	30.000	730	20.100	27.534
2006	9.228	277.096	30.028	3.300	112.200	34.000	2.830	84.900	30.000	760	20.730	27.276
2007	9.970	294.296	29.518	3.300	112.200	34.000	2.830	84.900	30.000	1.100	32.450	29.500
2008	10.284	267.280	25.989	3.700	111.000	30.000	2.701	64.146	23.748	1.150	35.600	30.956

Fonte: IBGE (2009d).

Convém ressaltar a especificidade da viticultura na região semiárida do Nordeste em virtude da adaptação e do comportamento diferenciado das plantas nessas condições climáticas. Os processos fisiológicos das plantas são acelerados, a propagação é muito rápida e, em cerca de um ano e meio após o plantio, inicia-se a primeira safra. Considerando que o ciclo de produção oscila em torno de 120 dias, podem-se obter até duas safras e meia por ano, mediante o manejo da irrigação e a realização de podas programadas.

As variedades predominantes de uvas de mesa produzidas no Vale do São Francisco são a Itália, a Red Globe, a Benitaka e a Brasil. Foram inseridos novos cultivares, sem sementes, como a Festival, a Thompson e a Crimson, com maior valor de mercado. Desse modo, os produtores estão-se adequando à preferência do mercado externo, o qual dá primazia às uvas sem sementes. Outro fator favorável à expansão desses cultivares sem sementes são as barreiras à comercialização, bem inferiores àquelas impostas às demais. Os principais destinos são o continente europeu e os Estados Unidos. Outro ponto a favor dos produtores nordestinos de uva é a sua integração às instituições de apoio nos processos de produção e comercialização: Embrapa, universidades e os governos federal, estaduais e municipais – produção; Valexport e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) – comercialização; e o BNB e o Banco do Brasil – crédito. O resultado disto é a maior produtividade observada nesta região frente às alcançadas nos outros estados brasileiros e os menores custos de produção.

Os preços alcançados no mercado externo são bem superiores para as uvas sem sementes; no entanto, com a crise internacional, em 2008/09, os preços de todas as uvas apresentaram queda, o que reduziu a margem dos produtores. (Gráfico 25). Com a redução do mercado externo, a opção foi direcionar as vendas para o mercado interno. Este, por sua vez, remunera melhor o produtor, mas é limitado quanto ao consumo de uva sem sementes, pelo seu preço mais elevado. Assim, os produtores ficam com poucas possibilidades de negociação para melhorar seus ganhos diante da crise.

Quanto às vulnerabilidades observadas na atividade, destaca-se a preocupação no manejo correto da lavoura para reduzir a incidência de doenças e pragas. As precipitações pluviais observadas no Vale do São Francisco são inferiores à média nacional, o que proporciona menor incidência de doenças fúngicas. Quanto às pragas, os produtores utilizam-se de métodos de controle e redução, como a Produção Integrada de Frutas (PIF), o Manejo Integrado de Pragas (MIP) e o melhoramento genético da fruta, exigências inclusive do mercado externo (porém sobre outras certificações). Já as vulnerabilidades de mercado são solucionadas com o redirecionamento da produção para o mercado interno e para o processamento, sendo que, nestes casos, a rentabilidade é menor. O processamento para uva-passa ainda é incipiente e tem atraído poucos produtores em virtude de não ter retorno satisfatório quando comparada à uva exportada.

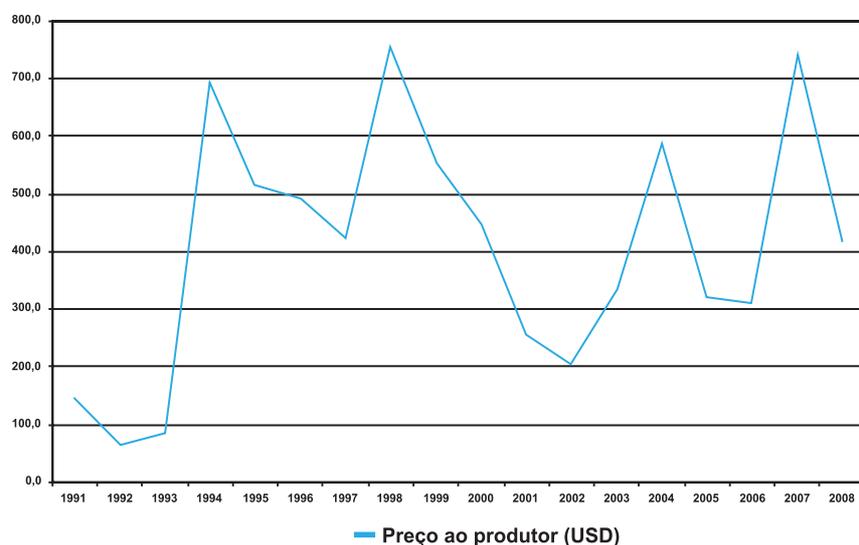


Gráfico 25 – Brasil – Preço da Uva – 1991 a 2008

Fonte: FAO (2010).

5.2.2 – Análise da execução

É importante destacar que o apoio financeiro do Banco do Nordeste se faz presente nos diferentes elos da cadeia produtiva da fruticultura, ressaltando-se o direcionamento dos recursos do FNE ao apoio ao financiamento da fruticultura a partir de 1989. Nesse sentido, consoante a base do ativo do BNB, a cultura da uva vem se destacando nos últimos anos, conforme Gráfico 26.

Desde a sua criação até o ano de 2008, o FNE contratou 832 operações de crédito para a cultura da uva, aplicando um volume de R\$ 310,0 milhões, em valores de dez/2008. (Tabela 57).

De acordo com a Tabela 57, as aplicações se iniciaram em 1993, mas, até 2003, o volume de recursos aplicados anualmente na cultura da uva era relativamente pequeno, destacando-se nesse período o ano de 1998, quando as aplicações tiveram um pico, atingindo R\$ 14,9 milhões. (Gráfico 27). No ano de 2004 as aplicações aumentaram sobremaneira, alcançando R\$ 86,1 milhões em 2008. Observa-se que, nos últimos cinco anos (2004-2008), o montante aplicado foi de R\$ 261,5 milhões, representando cerca de 84,3% das aplicações efetuadas desde 1989. Esse aumento pode ser reflexo da elevação de quase 50% na produção do Estado de Pernambuco no ano de 2004. A participação dos financiamentos destinados à cultura da uva no volume total de recursos aplicados pelo FNE Rural (R\$ 19,6 bilhões) no período estudado foi de 1,6%, mas que pode ser considerada relevante numa cultura em expansão na Região.

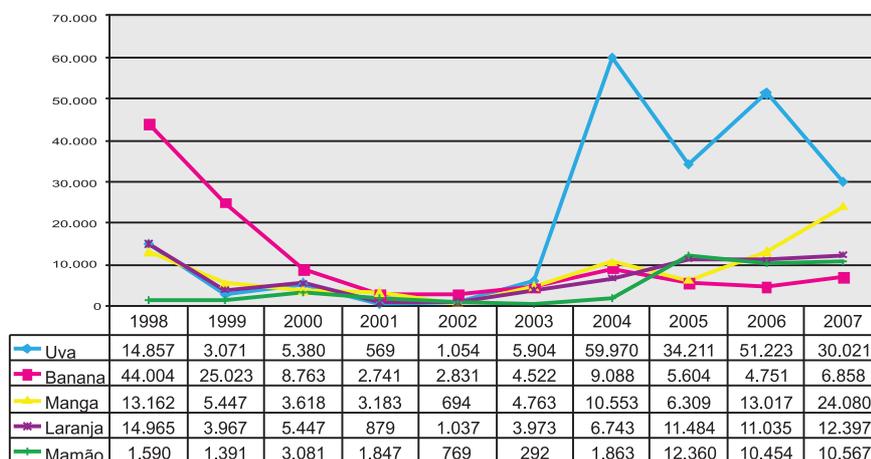


Gráfico 26 – FNE Rural – Contratações Fruticultura, 1998 a 2007, em R\$ Mil de 31.12.2008

Fonte: Elaboração BNB/Etene a Partir dos dados do Ambiente de Controle de Operações de Crédito.

Tabela 57 – FNE Rural – Contratações Cultivo de Uva Período: 1989 a 2008

Ano	Qtde. de Operações (R\$ mil)	Valor Contratado (1) (2)
1989	20	0
1990	35	0
1991	17	0
1992	21	0
1993	33	2
1994	9	721
1995	12	4.772
1996	20	6.349
1997	19	6.105
1998	52	14.857
1999	27	3.071
2000	31	5.380
2001	15	569
2002	12	1.054
2003	35	5.904
2004	58	59.970

Continua

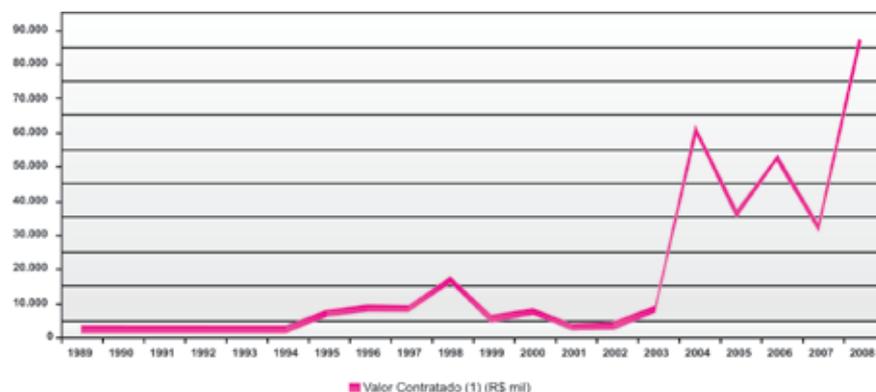
Tabela 57 – FNE Rural – Contratações Cultivo de Uva Período: 1989 a 2008

Conclusão

Ano	Qtde. de Operações (R\$ mil)	Valor Contratado (1) (2)
2005	83	34.211
2006	124	51.223
2007	104	30.021
2008	105	86.111
Total	832	310.321

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Nota: (1) Valores a preços de 2008 (IGP-DI); (2) nos anos em que os valores aparecem zerados, o valor contratado, após atualização, ficou inferior a mil R\$.

**Gráfico 27 – FNE Rural – Contratações Cultivo de Uva Período: 1989 a 2008**

Fonte: Elaboração BNB/Etene.

Nota: (1) Valores a preços de 2008 (IGP-DI).

Dentre as tecnologias empregadas no cultivo de frutas, pode-se mencionar a irrigação, que merece ênfase especial, principalmente no Nordeste, utilizada em larga escala nos principais centros produtores. Nesse contexto, 93,2% do total de recursos aplicados foram para o cultivo irrigado, conforme apresentado na Tabela 58.

Ressalta-se que, pelas condições edafoclimáticas regionais, a produção de uva em sequeiro, no Nordeste, está circunscrita às regiões serranas. Assim, provavelmente, essas contratações classificadas em “não-especificado” referem-se ao cultivo irrigado.

Tabela 58 – FNE Rural – Contratações Cultivo de Uva – Período: 1989 a 2008

Detalhe	Qtde. de Operações	%	Valor Contratado (1) (R\$ mil)	%
Irrigado	614	73,8	289.318	93,2
Sequeiro	32	3,8	3.055	1,0
Não-especificado (2)	186	22,4	17.949	5,8
Total	832	100,0	310.321	100,0

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Notas: (1) Valores a preços de 2008 (IGP-DI); (2) incluindo o período de 1989 a 1997 cuja base do ativo não apresenta o detalhe da atividade de cultivo da uva.

As contratações referentes ao porte dos empreendimentos apresentaram concentração na categoria de grande porte, tendo sido esta responsável por 63,3% do total de recursos aplicados no cultivo de uva entre 1989 e 2008 pelo FNE. As categorias de mini, pequeno e médio portes responderam, juntas, por 35,6% das contratações. (Tabela 59).

Isso é reflexo das condições de plantio da uva na região. Sendo uma cultura de clima temperado, sua adaptação ao Semiárido requer maiores investimentos devido à sua característica intensiva em capital, muitas vezes, suportados apenas por grandes produtores.

Tabela 59 – FNE Rural – Contratações Cultivo de Uva por Porte-Período: 1989 a 2008

Porte	Qtde. de Operações	%	Valor Contratado (1) (R\$ mil)	%
Grande	132	15,9	196.489	63,3
Médio	269	32,3	71.887	23,2
Pequeno	230	27,6	26.255	8,5
Mini	198	23,8	12.202	3,9
Não-especificado	3	0,4	3.488	1,1
Total	832	100,0	310.321	100,0

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Nota: (1) Valores a preços de 2008 (IGP-DI).

Cabe observar que a produção de uva no Nordeste do Brasil concentra-se principalmente na região do Submédio São Francisco, localizada nos sertões pernambucano e baiano. (Figura 4). Favorecida pela potencialidade dos recursos naturais e pelos investimentos públicos e privados nos projetos de irrigação, esta região tem experimentado uma grande expansão no plantio e na produção de uvas finas de mesa.

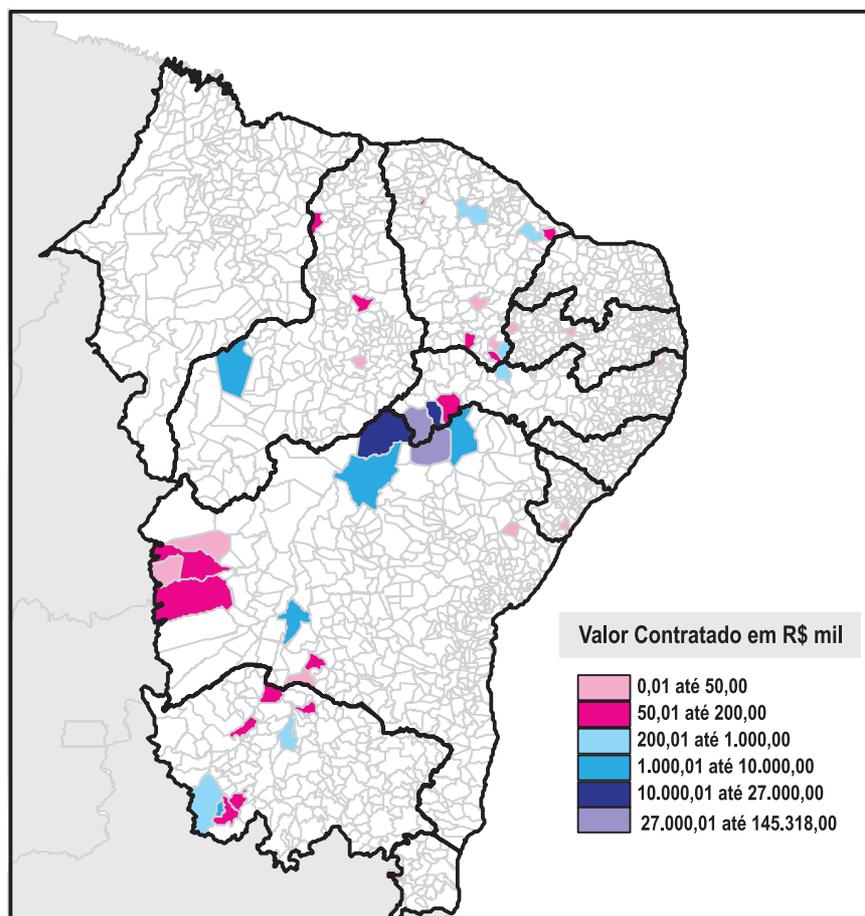


Figura 4 – Mapa das Contratações do FNE – Cultivo de Uva – Período: 1989 a 2008

Fonte: Elaboração BNB/Etene.

Assim, os estados com maior número de contratações no período sob análise foram, naturalmente, Pernambuco e Bahia, que participaram com 67,1% e 12,4% da quantidade de operações contratadas, respectivamente. No que tange aos valores contratados, os mesmos estados participaram com 71,3% e 23,1% dos recursos aplicados na citada atividade, no período 1989 a 2008, valores reais do fim do período. (Tabela 60).

Os dados mostram, ainda, a presença do cultivo de uva no Estado de Minas Gerais, com participação de 3,9%, em que foi destinado um montante de cerca de R\$ 12,3 milhões para o cultivo da uva. (Tabela 60).

Tabela 60 – FNE Rural – Contratações Cultivo de Uva por Estado – Período: 1989 a 2008

Estado	Qtde. de Operações	%	Valor Contratado (1) (R\$ mil)	%
Alagoas	0	0,0	0	0,0
Bahia	103	12,4	71.752	23,1
Ceará	33	4,0	2.823	0,9
Espírito Santo	1	0,1	29	0,0
Maranhão	1	0,1	0	0,0
Minas Gerais	80	9,6	12.256	3,9
Paraíba	22	2,6	274	0,1
Pernambuco	558	67,1	221.150	71,3
Piauí	28	3,4	2.030	0,7
Rio Grande do Norte	0	0,0	0	0,0
Sergipe	5	0,6	7	0,0
Total	832	100,0	310.321	100,0

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Nota: (1) Valores a preços de 2008 (IGP - DI).

Em termos de porte do empreendimento, os estados de Pernambuco e Bahia, que apresentaram o maior volume de contratações, abrigam principalmente empreendimentos de grande e médio porte. Observa-se que, dentre os empreendimentos de grande porte, somente Pernambuco concentrou 70,2% das aplicações da região neste porte, seguido da Bahia, com 28,9%. (Tabela 61).

Dentre os 20 municípios com maior volume de recursos do FNE para cultivo da uva, cinco estão localizados no Estado de Pernambuco (incluindo Petrolina), que, somados, representam 70,9% dos recursos aplicados. A Bahia apresenta também cinco municípios nesse *ranking*, concentrando 22,2% dos recursos no período. (Tabela 62).

Tabela 61 – FNE Rural – Valor das Contratações Cultivo de Uva por Estado e Porte – Período: 1989 a 2008

Estado	Porte (1) (Em R\$ mil)										Total	
	Grande	%	Méio	%	Pequeno	%	Mini	%	Não	%		
Especificado	%											
Alagoas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Bahia	56.721	28,9	9.481	13,2	1.070	4,1	991	8,1	3.488	100,0	71.752	
Ceará	1.806	0,9	0	0,0	526	2,0	491	4,0	0	0,0	2.823	
Espirito Santo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	29	0,2	0	0,0	29	
Maranhão	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	
Minas Gerais	0	0,0	8.876	12,3	3.116	11,9	263	2,2	0	0,0	12.256	
Paraíba	0	0,0	0	0,0	45	0,2	229	1,9	0	0,0	274	
Pernambuco	137.962	70,2	52.113	72,5	20.901	79,6	10.174	83,4	0	0,0	221.150	
Piauí	0	0,0	1.417	2,0	596	2,3	17	0,1	0	0,0	2.030	
Rio Grande do Norte	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	
Sergipe	0	0,0	0	0,0	0	0,0	7	0,1	0	0,0	7	
Total	196.489	100,0	71.887	100,0	26.255	100,0	12.202	100,0	3.488	100,0	310.321	

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Nota: (1) valores a preços de 2008 (IGP-DI).

Tabela 62 – FNE Rural – Contratações Cultivo de Uva por Municípios – Período: 1989 a 2008

UF	Municípios (2)	Qtde. de Operações	%	Valor Contratado (1) (R\$ mil)	%
PE	Petrolina	483	58,1	198.343	63,9
BA	Juazeiro	19	2,3	36.501	11,8
PE	Lagoa Grande	21	2,5	20.009	6,4
BA	Casa Nova	27	3,2	19.289	6,2
BA	Sento Sé	1	0,1	7.931	2,6
MG	Pirapora	25	3,0	5.605	1,8
BA	Curaca	8	1,0	2.663	0,9
BA	Bom Jesus da Lapa	2	0,2	2.651	0,9
PI	Uruçuí	23	2,8	1.661	0,5
MG	Janaúba	4	0,5	932	0,3
CE	Russas	0	0,0	929	0,3
MG	Nova Porteirinha	6	0,7	902	0,3
PE	São José do Belmonte	2	0,2	858	0,3
PE	São Vicente Ferrer	11	1,3	548	0,2
MG	Buritizinho	5	0,6	340	0,1
CE	Mauriti	7	0,8	299	0,1
PI	União	2	0,2	270	0,1
CE	Crato	4	0,5	259	0,1
PE	Santa Maria da Boa Vista	3	0,4	256	0,1
MG	Jequitaiá	1	0,1	238	0,1
----	Outros Municípios	178	21,4	9.836	3,2
Total		832	100,0	310.321	100,0

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Notas: (1) Valores a preços de 2008 (IGP-DI); (2) referente aos 20 municípios que apresentaram maior volume de contratações no período.

No que se refere ao volume de contratações por região, a atividade de cultivo de uva apresentou a maior parte do volume de recursos aplicados na região do Semiárido nordestino. Nesta região, foram contratados R\$ 297,4 milhões, que corresponderam a 95,8% do total aplicado, tendo em vista as características propícias do polo Petrolina-Juazeiro para a exploração de uva. (Tabela 63).

Tabela 63 – FNE Rural – Contratações Cultivo de Uva por Região – Período: 1989 a 2008

Região	Qtde. de Operações	%	Valor Contratado (1) (R\$ mil)	%
Fora do Semiárido	179	21,5	12.970	4,2
Semiárido	653	78,5	297.351	95,8
Total	832	100,0	310.321	100,0

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Nota: (1) Valores a preços de 2008 (IGP-DI).

Nas contratações por regiões, observou-se que, do total aplicado na região do Semiárido, 63,3% foram destinados a empreendimentos de grande porte, enquanto 23,2% foram destinados para médio porte, perfazendo um total de 86,5%, donde se depreende a pequena participação de pequenos produtores. (Tabela 64).

Tabela 64 – FNE Rural – Contratações Cultivo de Uva por Região e Porte – Período: 1989 a 2008

Região	Porte (1) (em R\$ mil)										Total
	Grande	%	Médio	%	Pequeno	%	Mini	%	Não Especificado	%	
Fora do Semiárido	0	0,0	8.653	12,0	3.729	14,2	587	4,8	0	0,0	12.970
Semiárido	196.489	100,0	63.234	88,0	22.526	85,8	11.615	95,2	3.488	100,0	297.351
Total	196.489	63,3	71.887	23,2	26.255	8,5	12.202	3,9	3.488	100,0	310.321

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Nota: (1) valores a preços de 2008 (IGP-DI).

Inadimplência dos Financiamentos

A análise da inadimplência para a cultura da uva, conforme a Tabela 65, mostra que o saldo total em atraso é de R\$ 4,3 milhões, correspondendo apenas a 3% do saldo total de aplicação.

Os maiores índices de inadimplência ocorreram em estados sem tradição de cultivo da uva e, portanto, beneficiados, em conjunto, com apenas 1,9% dos recursos, a exemplo do Piauí, com inadimplência de 7,9%, Paraíba (7,6%) e Minas Gerais (12,1%).

Tabela 65 – FNE Rural – Inadimplência por Estado – Cultivo de Uva – Posição: 31.12.2008

Valores em R\$ mil

Estado	Saldo Normal	Saldo em Atraso (A)	Saldo Líquido (Normal + atraso) (B)	Inadimplência A/B (%)
Bahia	28.372	441	28.813	1,5
Ceará	1.944	104	2.047	5,1
Espírito Santo	3	0	3	0,0
Minas Gerais	2.114	291	2.405	12,1
Paraíba	293	24	317	7,6
Pernambuco	106.384	3.434	109.818	3,1
Piauí	64	5	69	7,9
Sergipe	14	0	14	0,0
Total	139.187	4.299	143.486	3,0

Fonte: Ambiente de Controle de Operações de Crédito.

Por outro lado, os maiores demandadores de recursos do FNE, compostos pelos estados de Bahia e Pernambuco, com saldo de aplicação englobando 96% do total, apresentaram inadimplência de 1,5% e 3,1%, respectivamente. (Tabela 65).

Em termos de volume de saldo em atraso, Pernambuco se destaca com um montante de R\$ 3,4 milhões, mas, em virtude do grande volume de recursos aplicados, a inadimplência se torna pequena. (Tabela 65).

Observa-se que os maiores níveis de inadimplência têm-se dado nas categorias de mini e pequeno produtor com 7,7% e 8,6%, respectivamente, ainda que, em volumes de saldos em atraso, representem apenas 13,5% do total, frente aos 86,5% dos grandes e médios produtores. Estes, que se concentram na maior região produtora, apresentaram um percentual de inadimplência muito baixo, mas em virtude do grande volume de recursos contratados, somam um considerável valor de R\$ 124,1 milhões. (Tabela 66).

O índice de inadimplência apresenta-se mais baixo na região do Semiárido, na qual se encontra o polo Petrolina-Juazeiro cuja produção está na mão dos grandes e médios produtores, que, como foi constatado anteriormente, apresentam baixos índices de inadimplência, ainda que os maiores saldos em atraso. (Tabela 67).

Tabela 66 – FNE Rural – Inadimplência por Porte – Cultivo de Uva – Posição: 31.12.2008

Valores em R\$ mil

Estado	Saldo Normal	Saldo em Atraso (A)	Saldo Líquido (Normal + atraso) (B)	Inadimplência A/B (%)
Grande	85.935	1.222	87.157	1,4
Médio	35.467	1.491	36.958	4,0
Micro	0	0	0	0,0
Mini	8.027	669	8.696	7,7
Pequeno	9.758	917	10.675	8,6
Total	139.187	4.299	143.486	3,0

Fonte: Ambiente de Controle de Operações de Crédito.

Tabela 67 – FNE Rural – Inadimplência por Região – Cultivo de Uva – Posição: 31.12.2008

Valores em R\$ mil

Estado	Saldo Normal	Saldo em Atraso (A)	Saldo Líquido (Normal + atraso) (B)	Inadimplência A/B (%)
Fora do Semiárido	2.815	196	3.012	6,5
Semiárido	136.372	4.102	140.474	2,9
Total	139.187	4.299	143.486	3,0

Fonte: Ambiente de Controle de Operações de Crédito.

5.2.3 – Análise de resultados e impactos

A exemplo da avaliação para a cultura do algodão, para a análise de resultados e impactos do estudo de avaliação do apoio do FNE ao cultivo da uva, optou-se por utilizar dados secundários e inferências com base na Matriz de Insumo-Produto, não sendo utilizada pesquisa de campo.

Oferta do Produto

Com uma área colhida de 78,2 mil hectares e uma produção de 1,37 milhão de toneladas em 2007, o Brasil situa-se como 19º produtor mundial de uvas, num *ranking* que é liderado pela Itália, França e Estados Unidos.

A Região Nordeste, com uma produção de 2.097 toneladas, respondia por 0,4% da produção nacional em 1975, quando as regiões Sudeste e Sul detinham 99% da

produção nacional. Essa situação começou a se alterar a partir dos anos 90, com a região Nordeste aumentando progressivamente sua produção, alcançando 294.296 toneladas em 2007, correspondente a 21,5% da produção do País. Enquanto a produção nacional cresceu 136% entre 1975 e 2007, a produção do Nordeste cresceu 13.934%. Em 2008, houve uma leve queda da produção do Nordeste em função das fortes chuvas que incidiram nas suas principais áreas produtoras de uva, não indicando, por isso, uma reversão da tendência de crescimento da cultura. (Tabela 68).

Tabela 68 – Produção de Uva no Brasil por Região (Em Ton)

Ano	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste
1975	580.586	0	2.097	142.362	436.102	25
1985	712.182	0	8.766	104.015	599.401	0
1995	836.545	0	118.321	146.258	571.805	161
2005	1.232.564	300	262.776	205.553	759.092	4.843
2006	1.257.064	314	277.096	208.197	766.590	4.867
2007	1.371.555	296	294.296	211.162	857.959	7.842
2008	1.403.002	...	260.450	206.687	935.189	...

Fonte: IBGE (2009d, 2010).

Entre 1975 e 2008, a área colhida com uva no Brasil cresceu 37,5%, passando de 57.852ha para 79.374ha. Na região Nordeste, a área colhida cresceu 1.826%, passando de 527ha para 10.151ha. A área colhida no Nordeste passou, nesse período, de 0,9% para 12,8% da área colhida no Brasil. (Tabela 69).

Tabela 69 – Área Colhida de Uva no Brasil e Regiões (Em Ha)

Ano	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste
1975	57.709	0	527	11.289	45.890	3
1985	57.852	0	964	9.678	47.210	0
1995	60.810	0	4.838	10.371	45.587	14
2005	73.203	27	8.712	11.874	52.277	313
2006	75.354	29	9.228	11.340	54.465	292
2007	78.273	33	9.970	12.006	55.951	313
2008	79.374	s.i.	10.151	11.410	57.813	s.i.

Fonte: IBGE (2009d).

Conforme apresentado na Tabela 70, a produção de uva do Nordeste está concentrada no vale do rio São Francisco, nos estados da Bahia e Pernambuco, os quais, em conjunto, detêm 98,5% da produção regional. Os demais estados foram responsáveis por apenas 1,5% da produção nordestina.

Tabela 70 – Produção de Uva no Nordeste por Estado em 2007

Estado	Toneladas	%
Bahia	119.610	40,6
Pernambuco	170.325	57,9
Demais Estados	1.980	1,5
Total	294.296	100,0

Fonte: IBGE (2009d).

Quando confrontado com as contratações dos financiamentos do FNE para cultura da uva, identifica-se que o grande crescimento de área e produção dessa fruta no Nordeste coincide com a concentração dos valores financiados pelo Fundo. Os R\$ 310,3 milhões contratados pelas operações de crédito do FNE para a cultura da uva até 2008 incidem, em quase sua totalidade, no período entre 1994 e 2008, quando houve o grande crescimento da produção na região. (Tabela 71).

Tabela 71 – Área Colhida, Produção e Contratações do FNE para Cultura da Uva

Ano	Área Colhida (ha)	Produção (ton)	Contratações FNE (1) (R\$ mil)
1990	1.759	29.670	0
1991	2.102	38.192	0
1992	3.102	65.304	0
1993	3.928	82.064	2
1994	4.031	87.847	721
1995	4.838	118.321	4.772
1996	4.624	115.972	6.349
1997	3.524	92.674	6.105
1998	5.025	122.396	14.857
1999	4.608	134.502	3.071
2000	5.309	156.732	5.380
2001	6.657	190.578	569
2002	6.238	186.548	1.054
2003	6.912	191.571	5.904

Continua

Tabela 71 – Área Colhida, Produção e Contratações do FNE para Cultura da Uva

Conclusão

Ano	Área Colhida (ha)	Produção (ton)	Contratações FNE (1) (R\$ mil)
2004	8.261	241.734	59.970
2005	8.712	262.776	34.211
2006	9.228	277.096	51.223
2007	9.970	294.296	30.021
2008	10.151	260.450	86.111

Fontes: IBGE (2009d) e Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Nota: (1) valores a preços de 2008 (IGP-DI).

Quando examinadas as operações de crédito por estado, verifica-se também que os estados maiores produtores, Pernambuco e Bahia, absorveram 94,4% dos valores contratados, ressaltando novamente a correlação entre os avanços dessa cultura com os financiamentos do FNE para ela. (Tabela 72).

Tabela 72 – Contratações do FNE para Cultura da Uva por Estado

Estado	Produção (2007)		Contratações do FNE (1999-2008)	
	Ton	%	R\$ mil (1)	%
Bahia	119.610	40,6	71.752	23,1
Pernambuco	170.325	57,9	221.150	71,3
Ceará	2.381	0,8	2.823	0,9
Demais Estados	1.980	0,7	14.596	4,7
Total	294.296	100	310.321	100

Fontes: IBGE (2009d) e Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Nota: (1) Valores a preços de 2008 (IGP-DI).

Produtividade

Com o desenvolvimento da pesquisa adaptando as variedades e melhorando as técnicas de produção, o surgimento de uma produção irrigada de forma mais profissional e uma maior disponibilidade de crédito, a produtividade e produção de uva no Nordeste cresceu de forma substancial.

A produtividade na região passou de 4,0t/ha/ano, em 1975, para 29,5t/ha/ano em 2007, representando um crescimento de 637,5%, superando significativamente o crescimento da produtividade média nacional. Em 2008, houve redução da

produtividade no Nordeste em função do excesso de chuvas nas principais áreas produtoras, caracterizando-se como um ano atípico. (Tabela 73).

Tabela 73 – Produtividade Média de Uvas (T/Ha/Ano)

Ano	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-oeste
1975	10,1	-	4,0	12,6	9,5	8,3
1985	12,3	-	9,1	10,8	12,7	-
1995	13,8	-	24,5	14,1	12,5	11,5
2005	16,8	11,1	30,2	17,3	14,5	15,5
2006	16,7	10,8	30,0	18,4	14,1	16,7
2007	17,5	9,0	29,5	17,6	15,3	25,1
2008	17,7	...	25,7	18,1	16,2	...

Fonte: IBGE (2009d).

Além dos fatores anteriormente relacionados, essa alta produtividade alcançada também está relacionada com as condições do clima do Nordeste, que permite mais de uma safra por ano, elevando o rendimento anual da área de produção.

A produtividade da uva no Nordeste alcançou 25,7t/ha/ano, em 2008, superando em 45,1% a produtividade média nacional nesse ano, que foi de 17,7t/ha/ano. Considerando que 2008 foi um ano atípico para o Nordeste, detém-se no ano de 2007, para o qual a produtividade da região foi 68,5% maior que a média nacional. (Tabela 74).

Tabela 74 – Produtividade da Cultura da Uva no Brasil e no Nordeste – Ton/Ha/Ano

Ano	Brasil	Nordeste	% NE/BR
1975	10,1	4,0	39,6
1985	12,3	9,1	73,8
1995	13,8	24,5	177,8
2005	16,8	30,2	179,1
2006	16,7	30,0	180,0
2007	17,5	29,5	168,5
2008	17,7	25,7	145,1

Fonte: IBGE (2009d).

Com uma produtividade mais elevada, a Região Nordeste conseguiu alcançar aumentos significativos de produção, bem superiores ao crescimento da área. En-

quanto a área colhida no Nordeste, em 2007, representou 12,7% da área total colhida no País, a produção alcançou 21,5% da produção nacional.

No relacionamento desses resultados com a disponibilização de crédito do FNE, observa-se, nas contratações do FNE, o fato de que 93,2% dos seus financiamentos foram dirigidos para a exploração da cultura da uva irrigada, fato este responsável pelas altas produtividades e pela viabilização dessa atividade no Semiárido nordestino. (Tabela 75).

Tabela 75 – Contratações do FNE para Cultura da Uva Quanto à Irrigação

Detalhe	Qtde. de Operações	%	Valor Contratado (1) (R\$ mil)	%
Irigado	614	73,8	289.318	93,2
Sequeiro	32	3,8	3.055	1,0
Não-especificado (2)	186	22,4	17.949	5,8
Total	832	100,0	310.321	100,0

Fonte: Central de Informações Econômicas, Sociais e Tecnológicas do BNB/Etene.

Nota: (1) Valores a preços de 2008 (IGP-DI).

Exportações

O histórico das exportações nacionais de uva demonstra que, já em 1990, o Nordeste era responsável por 23,2% das exportações nacionais desse produto. Essa participação foi crescente e, a partir de 2002, a região passou a responder por praticamente a totalidade das exportações nacionais com participação acima de 98%. Enquanto o volume de uva exportada nacional cresceu 43 vezes, no Nordeste, cresceu 191 vezes entre 1990 e 2008.

Esta situação está também relacionada com o fato de as regiões Sul e Sudeste produzirem uva para produção de vinhos, sucos e outros derivados, enquanto grande parte da produção do Nordeste é de uva de mesa, boa parte de uva sem sementes, destinada à exportação. Agrega-se a isto o fato de as condições climáticas do Nordeste permitirem a obtenção de produção em épocas de entressafra na Europa, o que facilita a exportação e permite a obtenção de melhores preços.

A exemplo do comportamento da produção e da produtividade, os aumentos das exportações de uva do Nordeste têm uma razoável coincidência com o período em que se deram as contratações do FNE para essa cultura, reforçando que o Fundo proporcionou uma importante contribuição para esses

resultados com a oferta de crédito oportuno e em condições favoráveis a essa atividade econômica.

Tabela 76 – Exportações de Uva do Brasil e da Região Nordeste (Ton)

Ano	Brasil	Nordeste	% NE / BR
1990	1.845	428	23,2
1991	2.882	1.587	55,1
1992	6.877	3.990	58,0
1993	12.552	8.308	66,2
1994	7.092	4.944	69,7
1995	6.786	6.217	91,6
1996	4.516	3.411	75,5
1997	3.705	1.943	52,4
1998	4.405	2.706	61,4
1999	8.083	4.538	56,1
2000	14.343	11.483	80,1
2001	20.660	9.707	47,0
2002	26.357	25.933	98,4
2003	37.601	36.967	98,3
2004	28.815	28.388	98,5
2005	51.213	50.970	99,5
2006	62.250	62.164	99,9
2007	79.081	78.857	99,7
2008	82.242	82.113	99,8

Fonte: Secex/MDIC.

Matriz de Insumo-produto: Impactos das Contratações do FNE Rural: Cultivo de Uva

Os grandes avanços da cultura da uva na Região Nordeste promoveram resultados em termos de geração de empregos, valor da produção, valor adicionado, salários e tributos.

Em termos de valor da produção, o crescimento na região também foi bem superior ao nacional, passando de R\$ 242,7 milhões em 1990 para R\$ 733,1 milhões

em 2007, significando um crescimento de 202%. O valor da produção do Nordeste representava 15% do valor total da produção nacional de uva em 1990 e, em 2007, representou 38,6%. (Tabela 77).

Tabela 77 – Valor da Produção de Uva no Brasil, por Região – Em R\$ Mil

Ano	Brasil		Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-oeste	
	R\$	%	R\$	%	R\$	%	R\$	%	R\$	%	R\$	%
1990	1.622.110	0	0,0	242.687	15,0	985.284	60,7	394.045	24,3	95	0,0	
1991	722.393	0	0,0	172.914	23,9	149.664	20,7	399.815	55,3	0	0,0	
1992	818.725	0	0,0	208.302	25,4	169.441	20,7	440.810	53,8	172	0,0	
1993	1.574.460	0	0,0	290.178	18,4	925.083	58,8	358.457	22,8	742	0,0	
1994	1.525.897	0	0,0	446.131	29,2	115.959	7,6	963.259	63,1	549	0,0	
1995	1.485.982	0	0,0	434.245	29,2	83.226	5,6	967.475	65,1	1.033	0,1	
1996	1.040.021	0	0,0	328.678	31,6	118.993	11,4	590.528	56,8	1.821	0,2	
1997	887.262	0	0,0	256.781	28,9	74.613	8,4	551.887	62,2	3.984	0,4	
1998	1.342.606	0	0,0	306.518	22,8	504.754	37,6	525.130	39,1	6.203	0,5	
1999	1.684.033	0	0,0	316.769	18,8	630.427	37,4	729.644	43,3	7.191	0,4	
2000	1.521.325	0	0,0	286.024	18,8	509.863	33,5	711.688	46,8	13.752	0,9	
2001	2.266.329	90	0,0	317.434	14,0	1.216.300	53,7	723.110	31,9	9.393	0,4	
2002	1.708.131	674	0,0	443.965	26,0	406.248	23,8	847.758	49,6	9.484	0,6	
2003	1.619.000	637	0,0	413.227	25,5	371.751	23,0	823.925	50,9	9.461	0,6	
2004	1.749.066	440	0,0	494.676	28,3	276.585	15,8	969.865	55,5	7.499	0,4	
2005	1.782.057	408	0,0	601.387	33,7	331.846	18,6	839.030	47,1	9.386	0,5	
2006	1.941.265	425	0,0	733.179	37,8	342.816	17,7	854.515	44,0	10.329	0,5	
2007	1.900.236	428	0,0	733.074	38,6	379.417	20,0	776.942	40,9	10.376	0,5	

Fontes: IBGE (2009d) e Secex/MDIC.

Nota: (1) Valores a preços de 2008 (IGP-DI).

Esses resultados mostram o dinamismo que essa atividade econômica tomou na região. Em 2007, com 12,7% da área colhida, a Região obteve 21,5% da produção e 38,6% do valor da produção nacional de uva. (Tabela 78).

Esse fato demonstra ainda ser mais significativo, pois o Brasil figura como o 11º país em quantidade de uvas exportadas e o sétimo em valor das exportações, o que

caracteriza que a uva produzida e exportada pelo Brasil obtém preço mais elevado no mercado externo. Isto decorre em função de a uva produzida no Nordeste ser colocada no mercado internacional na entressafra na Europa e por ser, em grande parte, uva sem sementes que obtém maior valor.

Tabela 78 – Área Colhida – Produção e Valor da Produção de Uva no Brasil e Nordeste

Ano	Área Colhida (ha)			Produção (ton)			Valor da Produção (R\$ mil)		
	Brasil	Nordeste	% Ne/Br	Brasil	Nordeste	% Ne/Br	Brasil	Nordeste	% Ne/Br
1995	60.810	4.838	8,0	836.545	118.321	14,1	1.485.982	434.245	29,2
2005	73.203	8.712	11,9	1.232.564	262.776	21,3	1.782.057	601.387	33,7
2006	75.354	9.228	12,2	1.257.064	277.096	22,0	1.941.265	733.179	37,8
2007	78.273	9.970	12,7	1.371.555	294.296	21,5	1.900.236	733.074	38,6
2008	79.374	10.151	12,8	1.403.002	260.450	18,6	1.527.395	496.342	32,5

Fonte: IBGE (2009d).

As inferências obtidas através da Matriz Insumo-Produto do Banco do Nordeste estimam que o total de R\$ 310,3 milhões contratados pelo FNE para a cultura da uva no período 1989-2008 deve ter proporcionado a geração média de 4,1 mil ocupações anuais no Nordeste, entre empregos formais e informais, o que pode representar um impacto sobre o pagamento de remunerações de aproximadamente R\$ 195,9 milhões no período de análise.

As projeções indicam também, por seus efeitos diretos, e indiretos, a geração de R\$ 1.294,7 milhões em termos de produção bruta regional e cerca de R\$ 684,0 milhões no que tange ao valor adicionado na economia da região.

No tocante à geração de receitas de tributação, a matriz estimou que tenham sido arrecadados cerca de R\$ 209,6 milhões em taxas e impostos. (Tabela 79).

Tabela 79 – Cultivo de Uva – Repercussões Econômicas das Contratações no Nordeste, 1989-2008

Valores em R\$ mil

Estado (1)	Val. Contratado (2)	VBP	Valor adicionado (Renda)	Empregos (3)	Salário	Tributos
Alagoas	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Bahia	71,8	314,6	166,9	1.118,6	52,4	51,7
Ceará	2,8	12,5	6,7	34,9	1,9	2,0
Espírito Santo	0,0	0,1	0,1	0,5	0,0	0,0

Continua

Tabela 79 – Cultivo de Uva – Repercussões Econômicas das Contratações no Nordeste, 1989-2008

Conclusão

Valores em R\$ mil

Estado (1)	Val. Contratado (2)	VBP	Valor adicionado (Renda)	Empregos (3)	Salário	Tributos
Maranhão	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Minas Gerais	12,3	53,7	28,5	191,1	9,0	8,8
Paraíba	0,3	1,1	0,6	3,4	0,2	0,2
Pernambuco	221,2	904,0	477,2	2.759,2	131,2	145,4
Piauí	2,0	8,6	4,5	26,8	1,2	1,4
Rio G. Norte	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Sergipe	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0
Total	310,3	1.294,7	684,5	4.134,5	195,9	209,6
Fora do Semiárido	13,0	54,1	28,6	172,8	8,2	8,8
Semiárido	297,4	1.240,5	655,8	3.961,7	187,7	200,9

Fonte: BNB-Etene.

Notas: (1) Cálculos preliminares realizados com a Matriz de Insumo-produto do Nordeste - 2004. Efeitos diretos, indiretos e de renda, que serão alcançados durante o ciclo de maturação dos investimentos e de seus respectivos impactos ao longo de toda a cadeia produtiva da região, ou seja, a partir de 2008 e podendo prolongar-se pelos anos seguintes; (2) valores a preços de 2008 (IGP-DI); (3) média anual em número de pessoas ocupadas.

5.3 – O FNE Rural e o Cultivo da Soja

5.3.1 – Análise econômica

As mudanças na produção agrícola americana, com o forte estímulo à produção de milho e retração da área com soja, têm afetado todas as produções mundiais de grãos e oleaginosas, com efeitos em cadeia sobre área, produção, preços e estoques, não apenas de soja, mas de algodão e outras *commodities* agrícolas. A primeira consequência da substituição de área de soja por milho nos EUA foi a elevação nos preços de soja e estímulo ao aumento de área com soja, especialmente nos principais países produtores (Brasil e Argentina) para atender às demandas mundiais e manter os estoques em níveis satisfatórios. (PEREIRA NETO, 2009).

Além das mudanças na matriz de produção decorrente do programa do etanol americano, outro fator que será decisivo na produção de soja será a demanda por rações para atender ao crescimento do consumo mundial de carnes, uma tendência